

Geografia



Agora pensando ele segue outra tria

Chamando a família, começa a dizer

Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo

Nós vamos a São Paulo viver ou morrer.

Patativa do Assaré

Por João Edmilson Fabrini

Migrações: Resistência ou Subordinação

O sistema produtor de mercadorias está em crise. É no contexto de crise deste sistema que se deve compreender e estudar as relações sociais e neste caso, as migrações.

Esta crise apresenta entre outras características um constante deslocamento de pessoas em busca de melhores condições de sobrevivência. Neste sentido, as migrações podem ser consideradas como uma forma de resistência e contraditoriamente, podem também evidenciar a subordinação dos migrantes ao sistema para acumulação de capital.

Portanto, nos propomos a

abordar a seguinte questão: como as migrações se constituem numa forma de resistência e/ou subordinação. As migrações evidenciam a subordinação dos migrantes ao sistema, pois estão inseridas no contexto de produção de mercadorias, servindo à acumulação capitalista. Por outro lado, as migrações poderão se constituir numa possibilidade/potencial de autonomia e libertação do migrante.

As Concepções de Migração

Tomando como referência o estudo de Bernardo Carlos Vainer (1996) que trata dos silêncios

teóricos e da violência como fator migratório, verificam-se diferentes entendimentos sobre migração.

Considerando o pensamento liberal, pode-se afirmar que as migrações se constituem no exercício da escolha no território da liberdade. No discurso liberal, o indivíduo poderá reconhecer e avaliar as vantagens e desvantagens optando por fixar-se naquele lugar que lhe oferecer mais benefícios. *Lado a lado, face a face, supostos igualmente livres e igualmente donos de seus destinos, capitalistas detentores de capital-meios de produção (ou capital-dinheiro) e trabalhadores detentores de capital humano*

*tomam decisões e condicionam-se no livre jogo da oferta e procura.*¹

Portanto, o território seria o espaço da liberdade e qualquer intervenção externa ao mercado seria um bloqueio, ou seja, *...um mundo de liberdade e igualdade absolutas entre atores econômicos racionais, onde a única regulação é a do livre jogo das forças de mercado...*²

Já a concepção de migração na corrente estruturalista afirma que os indivíduos seriam percebidos como atores de um drama onde o cenário já está escrito na estrutura. Esta seria uma característica do capitalismo.

Ao considerar os determinantes de mobilidade da população, Marx destaca que esta mobilidade pode estar além ou aquém do capital e conseqüentemente, da mercadoria. Vainer escreve:

Com efeito, em sua descrição e análise do processo histórico da acumulação primitiva, confere extraordinária importância a mecanismos diretos de coerção, via de regra acionados pelo Estado. Pela violência foram os camponeses expropriados, desenraizados e lançados à vagabundagem e ao nomadismo; pela violência foram reduzidos à disciplina e encerrados no seu novo lar — a fábrica, os bairros operários da cidade industrial nascente.³

Vainer destaca ainda, para caracterizar as correntes de pensamento sobre as migrações, os deslocamentos compulsórios em fronteiras fechadas e a restrição

à livre circulação de pessoas. No mundo “globalizado” os Estados-nacionais intervêm para impedir os deslocamentos e localizações de populações. São ações do estado para conter o fluxo de imigrantes em seu território, seja ele municipal, estadual ou nacional.

Portanto, surge a questão: o estado nacional restringe a entrada de todos imigrantes no seu território? Por isso, a necessidade de compreender as migrações na perspectiva da divisão da sociedade em classes.

Mesmo no interior das nações, verificam-se ações políticas no sentido de estimular ou conter migrações. É exemplar o caso das migrações internas para a Amazônia, promovida pelo estado através de políticas de colonização de novas terras. Esta política não foi adotada apenas no passado recente (pós-64) no contexto da geopolítica. Mas, verificam-se ações governamentais ainda hoje, que estimulam e promovem o assentamento de trabalhadores sem-terra do centro sul do Brasil na região Amazônica.

A criação de um espaço-tempo unificado e mundializado nos tempos de “globalização” pode ser considerada parcial, pois o mundo sem fronteiras e desterritorializado está inserido no contexto de uma sociedade dividida em classes, onde nem todos migram ou são “expulsos”. Portanto, a compreensão das migrações carece de politização do território (observe-se o papel dos Estados - nacionais). Ao contrário do fim da política, verifica-se de

fato, uma importância cada vez maior do estado e da política na sociedade produtora de mercadoria.

Globalização Parcial e Resistência

No contexto de internacionalização das relações de produção capitalistas verifica-se que a expansão dessas relações no território é feita de maneira desigual e contraditória. A “globalização” é desigual porque nem todos os segmentos sociais estão inseridos no circuito global. Não se trata de uma “globalização” perversa apenas, onde de um lado, se produz a riqueza, e de outro, a miséria. Trata-se de entender que a “globalização” é desigual e parcial. Isso não significa dizer que determinadas áreas, que não estejam inseridas no contexto da globalização estejam fora da dinâmica capitalista.

As populações não estão destituídas de caráter ativo, onde a sociedade estaria sujeita a estruturas estabelecidas pelas relações mercadológicas. As populações têm papel ativo no processo migratório. Não se trata de referência à liberdade de escolha no território da democracia e nem no território da estrutura. É neste contexto, de sociedade não sujeita às estruturas que deve ser compreendido o caráter de resistência das populações e do migrante.

Entretanto, as migrações podem se constituir em elemento

de subordinação, pois os deslocamentos são necessários para permitir o acúmulo e expansão das relações de produção capitalista. As migrações motivadas pela violência são formas que o modo de produção capitalista utiliza para ampliar o acúmulo. Mas, as migrações possuem também na sua essência um caráter contestador à ordem.

Os camponeses da Europa que migraram no século XIX para a América; os brasiguaios que saem de terra estrangeira e montam acampamento em busca da terra para se fixarem no Brasil; os pequenos proprietários no sul do Brasil que buscam terra na região Norte do país, são exemplos de resistência através da migração.

Da mesma maneira que ao inserir-se no mundo da mercadoria, os migrantes temporários se libertam da coerção permanente, conforme refere Martins (1988) em seu estudo sobre as migrações temporárias, também os trabalhadores sem-terra, inseridos no contexto de produção de mercadorias, buscam na terra e na fixação a sua autonomia e libertação da coerção. A libertação da coerção está no acesso à terra e não necessariamente na migração. A migração é a possibilidade.

Veja o que diz Martins:

Se a migração temporária acentua a exploração do cortador de cana no canavial de São Paulo ou do peão numa derrubada no Pará, criando uma nova miséria que empobrece o trabalhador com a pessoa, ao submetê-lo a formas

coercitivas e temporárias de trabalho. Por outro lado o liberta da coerção permanente, das relações de dependência pessoal com o fazendeiro vizinho ou proprietário de terra... Pode-se dizer, com razão, que ele se torna escravo da miséria, tendo perdido a toca fartura do camponês. Mas, apesar disso, entra num circuito de relações sociais, mediadas pelo dinheiro, que rompem ou, ao menos, comprometem a dependência pessoal. Nessa realidade materialmente negativa, esse é o lado socialmente positivo. É na trama dessa contradição que o trabalhador migrante cresce e aprende, ganha nova perspectiva, alarga sua visão de mundo, suas relações sociais, sua consciência de si e dos outros.⁴

Conforme afirma Martins, a mediação das relações feita pela mercadoria e pelo dinheiro adquire importância no mundo do migrante, pois os migrantes se libertam de relações centradas na dependência pessoal. A migração temporária permite que as relações sociais não sejam mais mediadas pelo pessoal, mas pela mercadoria (Martins utiliza o exemplo do uso de óculos escuros pelos migrantes temporários, como símbolo de inserção no mundo).

Retomando o exemplo da migração pela busca de terra, pode-se dizer que os trabalhadores despossuídos buscam terra no Paraguai, ou retornam ao Brasil (migram) porque visualizam a possibilidade de permanência e conquista da terra. A conquista da terra e a elaboração de uma

proposta de produção nos assentamentos, por exemplo, são formas que os sem-terra encontram para garantir a sua autonomia e libertação da coerção.

Por outro lado, cabe dizer que o sem-terra assentado constrói sua autonomia após a conquista da posse e permanência na terra. Esta autonomia pode significar a inserção cada vez maior do assentado no mundo mediado pela mercadoria (produzindo mercadorias), ou por outro lado, pode distanciar-se dos mercados, elaborando parte de seus próprios meios de vida. Neste sentido, a migração em busca da terra surge como resistência num contexto de subordinação, e a fixação na terra, como uma condição para garantir a sua autonomia.

Depreende-se da referência de Martins, sobre o migrante temporário, que a migração é um mecanismo de garantia das carências da família. O mundo do dinheiro e da mercadoria é introduzido com as migrações.

Curiosa contradição: quase sempre, trabalhador migra temporariamente para assegurar a permanência de seu pequeno mundo camponês; migra para assegurar com ganhos extraordinários as carências econômicas que já não podem ser supridas pela própria unidade familiar de produção... *“Na mesma época, a ‘migração golondrina’ permitia que trabalhadores italianos fossem colher trigo na Argentina e retornassem, em seguida, a sua parcela camponesa na Itália, para viajar*

novamente no ano seguinte”.⁵

Portanto, a migração em si, não se constitui na libertação, mas num potencial onde se busca a fixação num determinado lugar. Aí, no lugar (neste caso, na terra) é que se constrói a libertação das relações de subordinação do modo de produção capitalista.

Migração, Trabalho e Crise

A expansão das relações capitalistas no território tem como características o império da mercadoria. Entretanto, a mercadoria não tem domínio completo de todos os setores e atividades, pois ao produzir a mercadoria, se produz também a sua contradição, ou seja, a negação da mediação feita pela mercadoria.

A sociedade produtora de mercadorias, assentada na centralidade do trabalho está vivendo um momento único, ou seja, um momento de profunda crise de caráter estrutural (As transformações no mundo do trabalho e o desemprego generalizado são um exemplo). As crises do passado foram contornadas com o desenvolvimento de técnicas e ampliação de mercados integrando novas camadas consumidoras. Agora, fala-se do colapso do sistema produtor de mercadorias: “A racionalidade empresarial exige que massas cada vez maiores tornem-se ‘desempregadas’ permanentemente e, assim, sejam cortadas da reprodução de sua vida imanente ao sistema. De outro lado, um número cada vez mais reduzido de ‘ocupados’ são

submetidos a uma caça cada vez maior de trabalho e eficiência. Mesmo nos centros capitalistas, no meio da riqueza voltam a pobreza e a fome, meios de produção e áreas agrícolas intactos ficam maciçamente em ‘pousio’, habitações e prédios públicos ficam maciçamente vazios, enquanto o número de sem-teto cresce incessantemente. O Capitalismo torna-se um espetáculo global para as minorias”.⁶

No contexto do colapso, como podemos compreender as migrações? O que diferencia a migração do passado (Antigüidade, por exemplo) da migração dos dias atuais? As migrações surgem como uma possibilidade de libertação de coerção e/ou de subordinação apenas nos dias atuais? Evidentemente, a crise do sistema acelera as migrações. Mas, as migrações não são uma característica verificada apenas na crise e colapso.

Considerações Finais

Após as questões apresentadas chega-se a algumas verificações.

As migrações trazem dentro de si uma contradição: Podem ser uma forma de resistência e uma forma de degradação da vida humana representada pelas difíceis condições de vida, para assim garantir o acúmulo, caracterizando a subordinação.

As migrações motivadas por violências e situações de coerção que sobre — determinam as pessoas levando aos deslocamentos, são exemplos que evidenciam a subordinação. Não se tratam de sobre — determinações

estruturais, mas deslocamentos onde os migrantes não conseguem resistir e são “empurrados” para outros lugares.

Assim, verifica-se que as migrações são formas de resistências construídas pelos migrantes. Verifica-se também a subordinação representada pela incerteza e dificuldades de sobrevivência na degradação do humano, com migrações motivadas por violências, por exemplo.

Prof. João Edmilson Fabrini
Professor do Curso Geografia do
Campus de Marechal Cândido
Rondon

Referências Bibliográficas

- KRISIS, Grupo. *Manifesto Contra o Trabalho*. dig. 1999.
- MARTINS, José de Souza. Migrações Temporárias: Problema Para Quem? In: *Travessia*. N. 1 CEM. 1988. p.5-8
- SAIAD Abdelmalek. O Retorno: Elemento Constitutivo da Condição do Imigrante. In: *Travessia*. N. Especial. CEM. 2000.
- VAINER, Carlos Bernardo. A Violência Como Fator Migratório: Silêncios Teóricos e Evidências Empíricas. In: *Travessia*. N. 25. 1996. p.5-9.

Notas

¹VAINER, Carlos Bernardo. “A Violência Como Fator Migratório: Silêncios Teóricos e Evidências Empíricas”. In: *Travessia*. N. 25. 1996, pp. 5-9

² Idem, p. 6.

³ Ibidem, p.7.

⁴ MARTINS, José de Souza. Migrações Temporárias: Problema Para Quem? In: *Travessia*. N. 1 CEM. 1988, p.07.

⁵ Idem, p.07.

⁶ KRISIS, Grupo. *Manifesto Contra o Trabalho*. dig. 1999, p.14.